

O Trabalhador

ANO IV

Redacção e Administração: R. Capelo, 1 - 2.º, Esq.
1 DE AGOSTO DE 1937

Director e Editor: Manuel da Anunciação Soares
Propriedade da Empresa da Revista Renascença, L.da

Tip. União Gráfica R. de Santa Marta, 151 - Lisboa
QUINZENÁRIO - Avulso \$30

N.º 79

Bendita seja a preguiça

Jacques Leclercq, sacerdote belga dos mais illustres, acaba de publicar um curioso discurso, a que deu o nome ainda mais curioso de «O Elogio da Preguiça».

Resumo do livro: «o homem anda hoje dominado pela velocidade. No meio da loucura da rapidez, não tem tempo para parar e... pensar. E, contudo, nenhum esforço sério se pode fazer a correr, nenhuma criação genial se pode operar, a não ser no socégio e no descanço».

Leclercq tem razão!

Pensemos um pouco no que observamos a nossa volta, nesta quinzena.

A corrida de automóveis em Vila Real, na qual Vasco Sameiro andou a mais de oito à hora. Corridas de bicicletas em França, para ver quem chega primeiro, quem mais rapidamente movimento o pedal. Regatas e provas após outras, para disputar a mais rápida travessia. Concursos de patação. E, se não há o calor, aí tínhamos a bola...

Mas não é só nos desportos. Os grandes inventos modernos, têm todos o cunho da velocidade. Aviões, navios, peças de artilharia, de cada vez mais rápidos. Correr, correr, chegar depressa! E nesta dobradoira da rapidez, os costumes vão-se emaranhando também na loucura da velocidade. Andar depressa, ver depressa, aprender depressa, ganhar depressa, chegar depressa.

Os jornais tornam-se de cada vez mais adaptados às novas exigências. Jornais e revistas. A imagem, a legenda rápida, os títulos que resumam a notícia. Um jornal lê-se hoje em cinco minutos; uma ilustração, em dois.

As viagens! Sai-se de madrugada e volta-se à meia noite. Viu-se, neste tempo, metade de Portugal! Em quinze dias, em três semanas, correu-se seguramente metade da Europa, com todas as suas principais cidades, monumentos de arte, museus!

E os que arrancam aplausos ao mundo são os que conseguem andar mais depressa. *Trindade, Nicolau*, são um símbolo. O grupo de jogadores da bola que mais rapidamente trabalhou, que conquistou o campeonato, é aclamado com mais ardor e mais entusiasmo, do que um herói nacional, do que seria certamente um Pasteur, um Marconi, se hoje vissemos, e do que um Gago Coutinho e tantos outros que prestaram e prestam serviços notabilíssimos à humanidade.

O comerciante quer ganhar depressa. Negócios fabulosos, traficâncias, injustiças. O essencial é ganhar depressa. Os salários são ajustos? Pouco importa! E preciso enriquecer depressa. E preciso gozar e depressa. Os operários pretendem conquistar as justas retribuições que lhe pertencem. Mas é preciso conquistá-las depressa. Para isso, luta de classes, ruína económica da nação, ódios, vinganças, assassinatos, destruição.

Não interessa saber se tal medida é já possível, se não seria preferível esperar mais algum tempo, preparar o terreno, ir dispostamente as coisas, para que o avanço seja firme, seguro e não se venha a perder de novo o que tão rapidamente se conquistou. E, como tudo é preciso que vá depressa, não há tempo para ver, não há um momento para reflectir. Não se pensa!

Os patrões roubam nos salários? A morte! Vem o comunismo, e apesar de ser mau, ateu, rebelho, destruidor de todo o passado heroico e feliz dos nossos antepassados, apesar de destruir a pessoa humana, a dignidade do homem, da família e da pátria, conquista adequadamente com facilidade. Promete ir depressa, chegar rapidamente e isso é que interessa. Não importa saber se chegará, não interessa pensar como chegará, ou, se chegar, se

chegou ao que prometeu. Isso é de somenos importância. Basta afirmar que vai depressa para ter quem o siga, para ter adoradores. Mas, assim, o mundo só poderá destruir-se. O homem não é a velocidade, nem para a velocidade foi criado.

Bendita seja a preguiça, apetece dizer neste fervilhante de actividades desorientadas, neste turbilhão de fadigas e canseiras em que vivemos continuamente sacudidos.

É preciso fazer tudo ao mesmo tempo e nada do que é feito é bem feito. Este artigo, podia sair melhor, se em vez de estar a escrever-lo depressa, me fosse dado uma manhã para o pensar e uma tarde para o escrever.

Bendita seja a preguiça... Reflectir, parar no meio da viagem, para apreciar as vistas lindíssimas da região... Entrar na beleza da criação, prescrutar os segredos da natureza, aspirar a aragem levíssima que nos purifica, abrir a alma à luz puríssima que a invade. Meditar!

Mas quem há aí que medite? Diz Leclercq no discurso a que fizemos referência, que quando um seu amigo sobre a Ministro se apressa a dar-lhe um conselho: *«o Governo deveria reunir-se uma vez por semana no campo. Levariam uns bolinhos de bacalhau e uma caneca de água ou de vinho. Os ministros estender-se-iam sobre a relva, à sombra das árvores, e, com uma haste de erva entre os dentes, deixar-se-iam ficar na preguiça durante toda a tarde, a aspirar a lição dos nossos maiores, e embeber-se na meditação das virtudes ancestrais da nossa raça».*

Certamente que a política iria melhor, sim senhor. Certamente que o mundo encontraria mais facilmente o equilíbrio, a paz e a felicidade.

Operários, camaradas meus! Detestai a agitação, o nervosismo, a pressa, a velocidade. Parai de vez em quando. Olhai à volta de vós! Reflecti e pensei. Meditai, numa palavra. Meditai em tudo o que vos interessa. Se o fizerdes, já não quereis comunismos, agitações, ódios. O homem foi feito para o amor e será sempre infeliz enquanto não encontrar o amor. O amor de Deus e o amor do próximo.

E só o amor, é capaz de criar. Só com o amor construiremos o novo mundo por que aspirais no meio das misérias que nos afligem, vos tuberculizam e vos matam.

Não queirais seduzir-vos com a volúpia da rapidez, com a loucura da velocidade. No socégio, na tranqüillidade, na paz, pensai no mundo novo que vamos construir, nos meios com que o iremos fazer erguer.

Detestai as velocidades. Parai para meditar.

Oh! Bendita seja a preguiça...

A. V.

A indústria de transporte de automóveis

Recebemos um folheto, em que estão publicadas três teses que foram proferidas, no II Congresso Nacional de Automobilismo e aviação civil, por Jacinto Gonçalves, director da G. I. T. A., Joaquim Jerónimo, presidente da Direcção do Grémio dos Industriais de Transporte de Automóveis, e Raúl Galamas, director do Grémio dos Industriais de Transportes em automóveis.

Versam elas, respectivamente, sobre: o Taxi, o Transporte colectivo de passageiros e o Transporte de carga.

São três brilhantes teses que aconselhamos aos nossos leitores, por esclarecerem devidamente o assunto.

O patriotismo soviético

Muito se ensina quem supõe os comunistas adversários do nacionalismo e da ideia da Pátria. Do eles são inimigos, e acérrimos, é de todas as nações e do patriotismo dos outros povos que os russos pretendem subugar e fazer viver sob o domínio da sua bandeira.

Moscou não descarta, por isso, de afervorar, no espírito das multidões, o culto da pátria. Quando a Alemanha denunciou as cláusulas militares do tratado da paz, a «Pravda» definiu assim, no seu número de 19 de Março, o patriotismo soviético:

«O patriotismo soviético, sentimento inflamado de um amor infinito, de uma devoção sem limites à pátria, de uma profunda responsabilidade pelo seu destino e pela sua defesa, brota em ondas poderosas do peito do nosso povo. Nunca e em terra alguma o heroísmo da luta pelo seu país atingiu culminâncias tão sublimes como entre nós... O patriotismo soviético arde no nosso peito como uma grande chama. É ele que põe a vida em movimento, reaquece os motores dos nossos carros de assalto, dos nossos grandes aviões de bombardeamento e carrega os nossos canhões. O patriotismo soviético floresce nos pontos mais distantes, onde cobardes inimigos ameaçam a nossa vida pacífica, o nosso poderio e a nossa glória. E, se o inimigo nos atacar, os patriotas soviéticos pegam em armas e, com heroísmo sem igual na história do mundo, varrerão os bandidos fascistas da superfície da Terra. Que se desenvolva e reforce o espírito combativo e invencível do patriotismo soviético!».

A este «patriotismo», exacerbado no sentido imperialista e de anexação das outras potências, é preciso corresponder com o verdadeiro sentimento do amor da Pátria.

Abrindo os olhos!

321.000 contra 38.000.000!

Vem-nos agora de França uma lição, que não podemos deixar perder.

Já se sabia que as grandes convulsões sociais, da Rússia e da Espanha, não foram provocadas por uma grande massa de trabalhadores comunistas, mas por uma escassa minoria de agitadores que exploram o comunismo para subirem ao poder e explorarem depois o trabalho dos outros em proveito próprio.

Sabia-se que na Rússia, país de 170 milhões de habitantes, eram uma ridícula minoria os comunistas antes da Revolução, e divididos entre si, e que mesmo depois da Revolução não passavam de uns 7 a 8 milhões — entre 170 milhões de russos. E sabe-se agora que se estão matando uns aos outros com notável perfeição, às dezenas de cada vez, isto quanto aos chefes, ainda ontem aclamados — porque o que se passa na Rússia quanto aos milhões, de que não falam os jornais, só Deus o sabe.

Também se sabia, por exemplo, que sendo as províncias vascas profundamente católicas e habitadas por cerca de um milhão de pessoas, apenas havia uns 8.000 comunistas — e foram esses que arrastaram os separatistas para a aventura da união com os comunistas, que estes retribuíram destruindo igrejas, monumentos e até a própria cidade santa dos vascos — Guernica — antes de fugirem diante das tropas vitoriosas da libertação de Espanha.

Tudo isso já se sabia. Mas havia quem ainda não acreditasse e sobretudo quem agora, voltando os olhos para a França, cuidasse e ao menos lá, nessa França tão avançada, a corrente comunista representasse uma massa imensa de trabalhadores.

Pois bem: hoje, 23 de julho, trazem os jornais portugueses umas declarações insuspeitas, que são água da mais pura nascente. Foram feitas por Jacques Duclos, trunfo graduado do comunismo francês, num congresso geral do partido comunista que se está realizando.

Disse, pois, Duclos, que em França, país de 38 milhões de habitantes, os comunistas são apenas 321.000...

E são estes 321.000 que querem lançar a França numa guerra civil, como a está enchendo de ruínas a Espanha — onde os comunistas já estariam vencidos há muito tempo, se não tivessem acudido de todo o mundo, entrando pelo lado da França, dezenas e dezenas de milhares de combatentes, que vão morrendo como torcos há um ano, perdendo cidades e províncias, sacrificados aos mandantes de Moscovo.

E cá? Quantos são verdadeiramente os comunistas portugueses? Uma minoria insignificante, mas que alimenta a mesma esperança — que já perdeu, sobretudo desde que em cada terra surgiram os legionários da ordem, para lhes tirar toda a possibilidade de esmagarem a massa imensa da população que quer ordem e trabalho.

Agora surgem dos esgotos, com bombas que atestam a sua impotência.

Mas voltando a França: É certo que além dos comunistas, há os vários grupos socialistas, e os sindicatos marxistas, mas tudo isso somado não chega a cinco milhões de filiados — e a prova de que se não podem ver uns aos outros é que existem em partidos separados.

E a experiência da *frente popular* foi esta: em menos de um ano levaram o tesouro francês à beira da ruína!

Mas o que mais importa recordar é que se agora já se não entendem, amanhã, atada a guerra civil, haviam de se matar uns aos outros, como está sucedendo na Catalunha e como sucede sempre, porque o ódio não cimenta união — o ódio gera ódio e as vítimas são sempre os trabalhadores que nem sequer entendem as diferenças de ideias dos que os atiram para a luta!

Fazer comunismo

Custa muito andarmos todos a trabalhar para afastar de Portugal o tremendo castigo do comunismo — porque, sendo uma loucura, não pode pagar-se senão como castigo — e ver, ao mesmo tempo, que aqueles que mais têm a perder com o comunismo são os primeiros a fomentá-lo, pela maneira como procedem.

Estabelece o Estado salários mínimos, depois de estudar devidamente as possibilidades financeiras das diferentes indústrias. Pois o primeiro cuidado de alguns patrões é contrariar as intenções do governo, fazendo tudo o possível para criar nos operários o descontentamento e a miséria. Unas vezes reduzindo o pessoal e obrigando o que ficou a trabalhar muito mais; outras vezes aplicando um sistema feroz de multas; outras ainda, viciando os cadernos dos salários, etc., os patrões que assim procedem têm apenas em vista o seu lucro pessoal, com desprezo absoluto do bem comum, do bem de milhares de famílias, do próprio bem nacional.

E quem fala nos salários mínimos, fala em outras vantagens justas que o Estado português tem procurado conceder ao operário.

Toda essa gente não só contraria as leis do país — e por isso deveria ser rigorosamente castigada — como promove o descontentamento, a miséria e a fome. E o que é mais grave, ordinariamente lança sobre a própria lei a culpa da miséria que só o seu egoísmo provocou.

Se algum operário se queixa, manda-o embora e acusa-o de comunista.

Não será possível que esta gente se convença de que o caminho que trilha é péssimo e de que o Estado tem o direito de os meter na ordem?

Porque, afinal, fazer comunismo é tirar a Pátria. E quem o faz são eles e só eles, esses que põem acima do bem de todo, o maior lucro pessoal, o seu feroz egoísmo.

Reclamações

Continuamos a receber bastantes reclamações, com pedido de publicação no nosso jornal, sobre abusos de horário de trabalho, salários, etc.

Nem sempre publicamos essas reclamações, porque o espaço de que dispomos é pequeno e também porque nem sempre isso serve de muito.

Não deixamos, porém, ficar nenhuma reclamação sem lhe dar andamento. Junto das autoridades competentes apresentamos-las sempre e sempre têm sido tomadas em consideração, pelo que estamos muito gratos a essas mesmas autoridades.

Não deixéis: por isso, de continuar a apresentar as vossas queixas à Redacção do nosso jornal.

Quantas não têm sido já atendidas! E podeis estar certos que o serão todas as que forem justas.

Mas permiti que os façamos mais uma vez o mesmo reparo: organizai-vos!

Sem organização pouco se pode fazer! Lembrai-vos das varas de vime? Todas juntas, não houve força que as quebrasse. Separadas, desfizeram-se em pó! E se vos aconteceu a vós, Unidos, teréis tudo o que vos pertencer. Separados, todos farão pouco de vós, todos vos poderão esmagar. Os Sindicatos Nacionais foram feitos precisamente para estabelecer esta união.

Avante, pois! Inscrevei-vos em massa nos sindicatos. Fundai-os.

Só assim poderemos vencer. Só assim poderemos acabar com tantos abusos que andam por aí a esmagar-vos, só porque estais separados, só porque estais dispersos. Em massa para os Sindicatos!